ROHDEN
ALEGORIAS

"PROBLEMAS DO ESPIRITO"

3.ª edição

POR

HUBERTO ROHDEN

"Num primor de linguagem, como sempre ocorre nos livros de Huberto Rohden, PROBLEMAS DO ESPÍRITO é talvez o livro mais arrojado do ilustre escritor patrício e aquele em que se dizem coisas que nunca se ouviram em língua portuguesa, pelo menos no Brasil".

"CORREIO CATÓLICO"

(Uberaba, Minas).

Preço: Cr. $ 10,00

Oferecido por

Huberto Rohden

1945

ALEGORIAS

HUBERTO ROHDEN

ALEGORIAS

PENSAMENTOS DISCRETOS PARA QUEM SAIBA LER ENTRE LINHAS

Terceira edição

1944

RIO DE JANEIRO

Caixa Postal 831

LEITOR

O opúsculo que tens entre mãos não faz parte dos livros necessários e indispensáveis à humanidade do século vinte; nem tem a missão de "preencher uma lacuna", como tantas obras sapientíssimas e ultrageniais que por aí aparecem em grande abundância.

Êste meu livro não passa dum punhado de folhas verdes — entremeiadas de alguns espinhos — que, muito a esmo, colhí à beira da minha existência.

Cada uma destas alegorias ou ironias tem um colorido característico, por vezes muito subtil, e cada uma vem dizer algo de peculiar, não a qualquer leitor superficial, mas tão sòmente ao espírito que saiba refletir, adivinhar e ler entre linhas...

Lê, pois, meu amigo; e, se compreenderes a alma destas páginas singelas, passa-as adiante, às mãos de pessoas que estimas e amas...

RIO — Caixa postal 831.

VAGALUMES

E' noite — tépida noite de estio...

No meio de escuro taquaral se acha aberta uma grande clareira. E essa clareira vai ser o teatro de uma das mais grandiosas assembléias de que há memória nos anais da Insectolândia — o primeiro Congresso Internacional dos Vagalumes! Discutir-se-ão problemas de vida e de morte...

Brrrrrrrrr... Eis que aí veem êles, os ilustres srs. congressistas, todos de avião, como é moderno. À frente do luminoso bando vem o dr. Sapiêncio, presidente do congresso, figura de grande relêvo científico, diplomado pela Universidade e Geniópolis. Atrás dêle, por entre confuso sussurro de vítreas asas, o fosforescente cortejo dos sapientíssimos colegas, o escol da mentalidade vagalumeira.

Atenção! O dr. Sapiêncio acaba de abater o voo, pousando na ponta saliente duma taquara sêca. Compõe gravemente as delicadas asas, recolhendo-as debaixo dos élitros côr de

chocolate; depois, com ademanes de quem domina o universo, faz girar, solenemente, vagarosamente, o par de holofotes que lhe ornam a cabeça, projetando deslumbrantes jorros de luz à fabulosa distância de dois palmos e meio. E' nesses gigantescos luzeiros que está a razão última do valor, a importância, e todo o orgulho do famoso vulto.

Entrementes, acabaram de chegar os demais congressistas, e vão se acomodando nas movediças folhas de taquara, cada qual com o seu par de lanternas muito bem acesas; é um céu de estrelinhas côr de ouro esverdeado. A solene quietude daquela noite d'estio forma o mais digno prelúdio para a nova era de luz e de glória que não tardará a despontar com essa magna assembléia vagalumeira.

Psiu! que o dr. Sapiêncio vai soltar o verbo!

— Meus srs.! — exordia êle, lá da sua excelsa tribuna de taquara — ilustre congresso de vagalumes! eis que escureceu, finalmente, esta tão suspirada noite, noite que assinala uma etapa de glórias sem par nos fastos da nossa sapientíssima raça. Felizes de nós, mil vezes felizes, que temos a honra de ser os pioneiros desta deslumbrante epopéia que surge

nos horizontes da história, no fundo dêste magnífico matagal! Esta clareira, meus srs., esta clareira vai ser o berço da verdade e da luz, após tantos séculos de erros e de trevas! (*apoiado! apoiado! muito bem!*)

As lanternas fosfóreas do imponente tribuno assumem brilho mais istenso, a sua voz se avoluma cada vez mais com a veemência da convicção e do entusiasmo.

— Meus srs.! — prossegue êle, gesticulando rasgadamente com antenas, braços e pernas — apesar da minha absoluta incompetência (*vozes: não apoiado!*), confiando, contudo, na vossa proverbial bondade e indulgência, e dada a transcendente relevância da causa que advogo — abalanço-me a abordar o magno problema.

Pausa dramática! O orador toma uns goles d'água, passa com a mão direita pelos refletores dos faróis, e, com entôno de catedrático infalível, continua:

— Luminosa assembléia! Tempo houve — e não vai longe êsse tempo — em que se falava na existência de um chamado sol, globo de fogo que girasse pelo firmamento, aclarando o mundo. Afirmava a triste ignorância da-

queles tempos que êsse sol era um imenso foco de luz e calor, mais intenso do que os luzeiros que levamos na cabeça (*risotas de escárneo no auditório*), mais intenso até que os coruscantes holofotes dos nossos maiores luminares diplomados pela Universidade de Geniópolis (*vozes: morra o obscurantismo!*). Ensinava o obscurantismo daquelas tenebrosas idades que era êsse tal luzeiro do firmamento que fazia crescer as plantas, subir as águas e cair as nuvens; que revestia de verde alfombra os campos, e pontuava de flores e frutos as florestas que habitamos. Ora, meus luminosos srs., quem não vê o ridículo de semelhantes doutrinas? quem não vê que tudo isto não passa de fantasias poéticas, fábulas para crianças e contos da carochinha? Uma cerebração pujante e máscula, como a da nossa raça, não pode perfilhar semelhantes absurdos, que isto equivaleria a uma vergonhosa degradação da inteligência vagalumeira. Não está, porventura, a meter-se pelos olhos a dentro que essas idéias antiquadas de sol, de luz, de calor, de raios benéficos vindos do céu, são incompatíveis com os estupendos progressos do nosso século? tanto mais que a nossa ciência tem demonstrado ir-

refragàvelmente que nem há verde folhagem, nem existem flores coloridas, a não ser quando iluminadas pelos reflexos das nossas cabeças. Olhai em derredor, meus srs.! tudo é preto como a noite, desde que não seja esclarecido pelos fulgores dos nossos faróis. Onde não há vagalume não há luz. Aparece o vagalume e aparece a luz — prova evidente de que não existe outra fonte de luz senão a nossa cabeça. Quanto ao crescimento das plantas — quem de vós viu jamais crescer uma planta sem que êle estivesse presente? e quem viu jamais uma flor esmaltada de côres sem que êle a iluminasse com os seus holofotes? (*vozes: nunca! ninguém!*) Portanto, meus srs., pergunto com a lógica na mão: Não será isto argumento inconcusso de que o crescimento das plantas e o matiz das flores proveem das nossas luzes? Não, não precisamos de luzeiro celeste! nós é que somos os autores de tudo isto! De resto, quem são essas criaturas que defendem a existência de um sol? é o esquilo, é a lontra, é o beija-flor, é o sabiá, é a borboleta, é a libélula — criaturas, tôdas elas, que não teem luzes na cabeça como nós; criaturas que passam a noite a dormir e sonhar e nada enxergam —

sonham com luzes, porque lhes falta a luz. Que valor teem as idéias de semelhantes obscurantistas?... Não, meus srs. tudo isto repugna à razão, tudo isto está em flagrante contradição com as gloriosas conquistas da ciência vagalumeira! tudo isto são bolorentas relíquias de tempos passados, acreditadas tão sòmente pelos que não acompanham a evolução do pensamento, rastejando rotineiramente pelos trilhos de velhas crenças e crendices. Um vagalume moderno, meus srs., um vagalume que se preza, um vagalume que está à altura do progresso, da cultura e da civilização do século — um vagalume, enfim, que traz na própria cabeça as fontes de toda a luz — êsse não pode e não deve dobrar a altiva cerviz ao jugo ignóbil de semelhantes velharias, admitindo luzes vindas de fora. Cremos na luz da nossa própria cabeça, e descremos de tôda e qualquer outra luz! Em nome, pois, da ciência e da civilização, em nome da liberdade do pensamento, em nome da dignidade da nossa raça, nós, os vagalumes, no primeiro Congresso Internacional, proclamamos para todo o sempre que não existe nem jamais existiu um sol nas alturas do firmamento e declaramos inimigo da luz e da ciência todo aquele

que ousar afirmar o contrário! Viva o progresso da ciência vagalumeira!

— Viva! Vivôôô!... bradou o auditório em pêso, por entre um delirante bater de asas e um formidável faiscar de lanternas, a ponto de se iluminar a tétrica escuridão do taquaral à enorme distância de dois palmos e meio.

Tão frenéticos foram os aplausos, que repercutiram vibrantes em tôdas as direções do matagal circunvizinho; e todos os amigos da noite — desde a coruja e o morcego, até ao tatú e à falena — fizeram côro à ilustre assembléia, bradando adesão e solidariedade.

O dr. Sapiêncio desceu da sua tribuna de taquara ôca, e quase que sucumbiu ao chuveiro de felicitações e abraços que desabou sôbre a sua pessoa — homenagem, a que s. excia se sujeitou com incrível humildade e modéstia.

* * *

Mal terminara a sessão, quando no horizonte levantino começavam a aparecer os primeiros albores do dia. Dispersaram-se rapidamente os ilustres srs. congressistas, indo cada qual meter-se no ôco duma taquara rachada, debaixo de alguma folha sêca, ou sob a cor-

tiça duma árvore. Abafaram as suas lanternas e entregraram-se ao mais doce dos sonos, por espaço de quinze horas a fio.

* * *

Entrementes, vinha subindo o sol, traçando o seu majestoso círculo pela cerúlea vastidão do firmamento e derramando oceanos de claridade por tôdas as latitudes e longitudes do universo...

E o dr. Sapiêncio & Cia. continuavam a dormir o sono dos justos, no ôco das suas taquaras e debaixo das cascas de figueiras bravas — dormiam, dormiam, dormiam, sonhando com novos triunfos da ciência vagalumeira...

Venha, porém, a noite desdobrar sôbre a terra as negras asas — e eis que despertarão os vagalumes, reacenderão as suas luzes e deitarão a esvoaçar estonteadamente através dos tenebrosos espaços estivais, bendizendo a escuridão que tão propícia lhes é e tão belamente faz destacar as fosforescentes lanternas, que projetam veementes lampejos à fabulosa distância de dois palmos e meio...

E continuarão a celebrar os seus congressos, demonstrando com argumentos cada vez mais luminosos a não-existência do sol...

METAMORFOSES

— Bom dia, dona Lagarta!

— Bom dia, sinhá Borboleta! Com seiscentos mil estômagos! não me incomode! não tenho tempo a perder!...

— Ué! tão nervosa?

— Pois não vê que estou ocupada? ainda hoje tenho de dar conta desta folha de couve.

— E depois?...

— Depois me vou de muda para aquel'outra, aí do lado, que está ainda tôda inteirinha — um escândalo!...

E com isto, a grande lagarta verde-negra voltou a fincar as avantajadas mandíbulas na suculenta folha de hortaliça, comendo, comendo, comendo. Percebia-se nitidamente o discreto crepitar dos tecidos celulares espedaçados e o incessante triturar das verdes massas.

E lá no alto, na ponta duma folha de passiflora, se balouçava o formoso lepidóptero, contemplando, pensativo, a faina gastronômica do sanhudo materialista. Aquelas gran-

des asas de sêda alvíssima, debruadas de azul; aquele par de olhos facetados, enormes, sonhadores; aquele cabelinho de tromba graciosamente espiralado; aquelas perninhas delgadas, que a custo pareciam sustentar o elegante corpinho, mais leve que um sôpro — tudo isto estava a dizer bem alto que aquele sonho de fadas vivia em regiões etéreas e mal conhecia as grosseiras banalidades desta terra de impurezas...

E o corpulento freguês, lá embaixo — que era êle, senão um estômago ambulante? estômago verde-negro, munido duma bocarra côr de sangue? Passava a vida a rastejar pelas folhas de couve, comendo e digerindo, digerindo e comendo — e só não comia quando dormia.

— Pois deve saber, dona Lagarta — aventurou, afinal, a borboleta, após longa pausa silenciosa — que essa vida que leva não vai durar eternamente.

— Como não? — estranhou a outra, engasgando-se com um bocado de folha e desatando a tossir desesperadamente. — Com seiscentos mil estômagos! — gritou, enfim, quando voltou a si. — Por um tris estava eu morta.

A sinhá Borboleta me está roubando o tempo precioso; perdi dez bocados.

— Escute, dona Lagarta! dia virá em que a sra. se há de aborrecer dessa comezaina, aí embaixo...

— Que'sperança!

— e há de então começar a cismar, a cismar, horas e horas a fio, sem nada comer, sem nada mastigar...

— Hei de comer e mastigar enquanto houver couve no mundo.

— e então acabará por se enclausurar num pequeno esquife, e, tôda amortalhadinha nesse ataúde, descansará muitos dias em algum cantinho escuro e silencioso — morta para o mundo das couves, porém viva para as regiões da luz; morto estará então êsse corpo pesado que arrasta, mas vivo estará o que no seu interior se recata de misterioso e subtil; a sua alma, dona Lagarta, creia-me que essa não sucumbirá à morte, mas descansará entregue a um sono incompreensível...

— Deus me livre de tamanha desgraça!

— Não é nenhuma desgraça, não, sra.. O sepulcro dêste corpo grosseiro será o berço duma vida nova, bela e pura. A sua vida atual

não é senão o período preliminar para outra melhor. Pois deve saber, dona Lagarta, que também eu um dia fui larva, como a sra., rastejando pelas poeirentas baixadas da terra e comendo folhas de couve; mas...

— Pois melhor fôra que ficasse cá embaixo, sinhá Borboleta; que anda você a fazer lá pelos ares vazios?... bem aborrecido deve ser.

— Aborrecido? não diga isso, amiga! desde que sou borboleta, não tive ainda um momento de aborrecimento nem de enfado. Ah! os ares, os imensos espaços azuis, a luz do sol, a fragrância das campinas, a viração da tarde, o doce néctar das flores, o convívio sereno com minhas semelhantes, os nossos adejos levíssimos pelas grimpas das árvores mais elevadas!...

— E as folhas de couve?...

— Or! dona Lagarta, quem goza do que eu estou gozando, dia a dia, já não precisa de folhas de couve. A nossa vida lá encima é muito diferente...

— Pelos modos, você é uma idealista à tôa, e, mais do que isto, é uma embusteira sem vergonha. Eu, cá por mim, não creio nessas bobagens metafísicas de espaços, de luzes, de per-

fumes, de outra vida — e não sei que histórias mais; para mim só existe esta vida que estou vivendo, nem tenho desejo de outra. Estou muito bem aquí. Sou realista, e gosto de têr alguma coisa palpável debaixo dos pés, na bôca e no estômago — é esta a minha filosofia.

— Meus pêsames...

— Tola que é! lá encima, como é que se pode viver, quando não há terra, nem folhas de couve?... Não, sinhá Borboleta, deixe-se de mistificações! comigo, perde o seu latim. Eu não creio senão naquilo que vejo, que como e digiro. Creio na terra, creio nas folhas de couve, creio nas minhas mandíbulas, creio no meu estômago, creio no bem-estar do meu querido corpo. Amém.

* * *

Depois desta desassombrada profissão de fé, tornou dona Lagarta a consagrar-se, com grande afinco, à sua ocupação de todo dia e de tôda hora.

A borboleta, porém, expandiu silenciosamente as grandes asas alvi-cerúleas, elevou-se

aos ares, e, com a leveza do espírito, se pôs a traçar os seus ritmos bizarros através da luminosa amplidão do espaço, deslisando por entre canteiros em flor e por sôbre cristalinos espelhos de lagos dormentes...

E de longe, de muito longe, a tépida viração da tarde lhe trazia aos ouvidos as notas dissonantes dêste estribilho:

Creio em mim e nesta vida,
Creio no que como e vejo!
Outra vida — é lôgro e fita!
Outra vida não almejo.

LIBERDADE!

Irra! estou farta desta escravidão! farta desta infame judiaria!... mal passou o inverno — e já vem o carrasco do homem com aguda lámina a cortar-me os ramos mais belos que conseguí criar em longos meses de penoso trabalho... E, não satisfeito com essa tirania, lança mão dum pedaço de cipó, duro e feio que nem ferro de grilheta, e me amarra estreitamente a uma das canas da negrejante latada, como se eu fôsse alguma malfeitora, e não uma videira honesta e utilíssima, a planta mais nobre e benfazeja que no mundo existe... Arre! que não suporto por mais tempo êsses desaforos! livre filha das montanhas, não consinto que me prendam a um pau e me obriguem a trabalhar pelo bem-estar do homem. E' contra a minha dignidade! sou livre, e livre quero ser! morra a escravidão!...

Assim monologava consigo mesmo o tenro rebento duma videira, nos dias em que os cariciosos hálitos da primavera começavam a ro-

çar pelas encostas das montanhas. E enquanto falava forcejava por escapar da latada, a que o trazia preso um laço de cipó-imbé.

— Que estás fazendo, maninha? — perguntou-lhe uma das companheiras, que ia desdobrar as primeiras folhas.

— O que estou fazendo? estou fazendo o que devia fazer tôda videira de brio — respondeu a outra, ofegante, sem olhar para quem a interpelava.

— Que é isto?

— Vou desvencilhar-me desta maldita algema e fugir da escravidão do parreiral.

— Não faças isto, maninha! vais pagar caro a tua rebeldia.

— Lá me importa! o que quero é a liberdade. Sinto estuar no peito um sentimento nobre e generoso; corre-me nas veias sangue de heroína. A minha vocação é para coisas grandes; não me dou com esta vida banal do vulgo. Vamos, irmã, vamos fugir desta escravidão a que nos obriga o homem! fugir para o paraíso da independencia e da autonomia! vamos, depressa! não há tempo a perder!

— E' desvario teu, maninha. Isto aquí não é nenhúma escravidão, é educação e disci-

plina. Pois não vês que somos muito frágeis por natureza? uns baraços caducos, que não valemos têr-nos em pé por nossas próprias fôrças? precisamos de quem nos ampare e sustente; estou que esta latada e êstes liames são um benefício para nós; o homem é bom, não nos quer mal; prende-nos a estas estacas porque nos quer ver belas e bem formadas...

— Maldição sôbre ti, traïdora! que também tu és aliada do nosso tirano! Quanto a mim, fujo daquí, longe daquí, para o paraíso da liberdade!

— Eu é que não vou.

— Pois fica-te onde estás, alma de escrava! deixa que te amarrem bem amarradinha — e passa bem!...

Com uma gargalhada de escárneo, desprendeu-se a jovem videira da latada, e veio cair no fundo dum relvado macio e úmido — o paraíso da liberdade...

* * *

Fins de fevereiro. Sol a pino.

Nas ladeiras dos montes vicejam luxuriantes parreirais. Milhares e milhares de formo-

sos cachos suspendem ao sôpro das auras estivas a negrejante cornucópia das suas bagas, luzentes e cheias como jaboticabas maduras. Tão grande é a abundância das uvas e tão excessivo o pêso dos alentados racimos, que as canas da latada gemem e se curvam com a preciosa riqueza.

E lá no fundo, à sombra úmida duma vegetação de abrolhos, rasteja pelo chão uma vara de videira, enfezada e raquítica. Em tempos passados conseguira enroscar as tenras gavinhas nos ramos de um arbusto próximo; mas o arbusto caiu, e com êle caiu a jovem videira, abraçada com o frágil amigo. E, desde então, lá se deixou ficar a pobrezinha à mercê da sorte... Ah! como suspirava por um raio de luz!... apenas ao meio-dia, quando o sol batia de chapa, deixavam as largas folhas do parreiral coar pela ramagem uns trêmulos reflexos da doce claridade, reflexos que coitadinha sorvia com avidez duma mendiga esfaimada. Mas era pouca essa luz, pouco êsse calor; bastava para não morrer, mas não bastava para viver...

Assim foi a videira rebelde definhando, definhando, doente, tísica, clorótica... E os três

cachinhos que muito a custo conseguiu criar, não chegaram a desenvolver-se por falta de sol; deram umas baguinhas duras, vítreas, de sabor agreste. E não foi tudo; certa noite, apareceu uma larva cabeluda, feia como um espetro, e ferrou as peçonhentas mandíbulas no pedúnculo de um dos cachos — e êste murchou e apodreceu. Pouco depois, uma manada de suínos invadiu o parreiral, devoraram os dois cachinhos restantes, rasgaram e emporcalharam as folhas e tripudiaram estanteadamente sôbre o corpo da infeliz videira.

Então começou a desditosa a evocar os saudosos tempos da mocidade; lembrou-se de suas irmãs, que viviam felizes e contentes aos raios do sol, carregadas de preciosos frutos, e eram chamadas benfeitoras da humanidade...

— Tinhas razão, maninha — murmurou a infeliz — tinhas razão, quando preferias os vínculos da disciplina à soltura da ruína... A liberdade com que eu sonhava era a liberdade da escravidão, e o que eu chamava indigno servilismo era a única liberdade digna duma videira que se preza...

Tinhas razão...

AÇUCENAS

Oh! como é linda esta penca de açucenas prestes a desabrochar! Mais uns dias, e teremos o elegante bastão a ostentar em cheio o esplendor dos seus cálices de neve. Vêde como se inclinam tão graciosas para o oriente estas três filhinhas dormentes de dona Flora, apresentando aos cálidos beijos do sol matutino os formosos lábios de criança!... De quando em quando, uma aragem fagueira faz balouçar ligeiramente êste punhado de esperanças primaverís, e lentamente se vão evaporando aos ares os luzentes aljôfres de orvalho que as cobrem. Ligeiro estremecimento do alvorôço infantil perpassa, então, a alma dos botõesinhos; mal podem aguardar o momento feliz em que venham descerrar-se as grandes pétalas brancas e derramar pelo ambiente as primícias dos seus perfumes.

Belas esperanças — e tristes desenganos!

Sorrisos de vida — e horrores de morte!

Ah! foi tão triste, tão dolorosamente triste o que sucedeu aos meus ricos botõesinhos da cecém, que mal me atrevo a recordá-lo...

Ainda naquele mesmo dia em que eu o contemplara, desapareceu enigmaticamente o meu lindo pé de açucena. Alguém o desenterrara, juntamente com o bolbo e o torrão de terra de que se alimentava...

Só mais tarde — muito tarde — cheguei a saber da sorte dos infelizes. E' que um desatinado jardineiro achou que os botõesinhos não podiam desenvolver-se convenientemente lá fora, na frialdade do jardim, e levou-os consigo, com haste, raizes e tudo — levou-os, e sabem para onde? para o fundo de um subterrâneo, para a úmida escuridão de uma adega, muito ao abrigo dos ares, da frialdade das noites — e do sol!...

Coitadinhas das minhas ricas açucenas!... Ralados de mudo desespêro, no meio daquela tétrica penumbra, começram os delicados pimpolhos a sentir dentro em si um inexplicavel malestar; sentiam que lhes faltava alguma coisa, algum elemento vital, e não sabiam o que, porque eram tão inexperientes. Principiaram a convulsionar-se dolorosamente, a estender os

bracinhos, a alongar os olhos para a parede do fundo, donde vislumbravam uma tênue réstea de luz solar, coada a custo através duma fenda do muro. Mas era tão débil êsse clarão que mais servia para avivar a pungente nostalgia dos pobres exilados do que para saciar-lhes a veemente sêde de luz e calor...

Chegou o dia em que deviam desabotoar-se as delicadas pétalas — mas essas pétalas não se desabotoaram nunca: estavam coladas umas às outras e cobertas duma camada de môfo, que lhes tolhia o movimento e lhes asfixiava a respiração...

E assim continuaram as infelizes a penar naquela estreita clausura, numa constante agonia, morrendo sempre, sem poderem acabar de morrer...

Até que, certo dia, o desatinado algoz reparou no aspeto doentio da planta e no desfalecimento dos tenros botõesinhos. Ah! — disse êle — já sei; falta-lhes luz e calor.

E lá se foi êle buscar um lampeão de querozene, colocou-o bem rente ao pé da açucena para que a alumiasse e aquecesse e lhe restituísse as louçanias de outrora. E retirou-se, satisfeito e ufano com a boa lembrança.

E foi boa a lembrança, porque o fumegante candieiro, destinado a fazer as vezes do sol, veio abreviar a cruel agonia das pobres condenadas. A mais forte das três açucenas ergueu pela última vez a cabeça, num arranco supremo de desespêro; mas, daí a poucas horas, quando a chama sinistra do lampeão bruxoleava os derradeiros lampejos e atirava aos ares a última fumarola nauseabunda — já estavam mortos os três pimpolhos, e murchas pendiam as folhas do elegante bastão...

E o desastrado jardineiro contemplava os pequeninos cadáveres das três açucenas, meneava a sapientíssima cabeça e dizia com os seus botões:

— Ora, ora! tão bem abrigadas, com tantos carinhos, tanta luz e tanto calor — e, ainda assim, morreram...

AMOREIRAS

Há mais de três meses que não chove. Desde fins de outubro até princípios de fevereiro — que sêca, meu Deus, que mormaço insuportável! Vêde como os garbosos ramos da figueira vão perdendo as folhas, umas após outras! como o luxuriante caramanchão de maracujá deixa pender lânguidamente os flexíveis baraços, murchos, crestados, moribundos...

Ao longe, na alvejante faixa da estrada geral, sobem aos ares umas vibrações intensas e subtís, como que de fornalha em fogo...

Já não se ouvem os doces gorgeios da patativa, nem os trilos sonoros do gaturamo, nem mesmo as notas plangentes do sabiá — tudo emudeceu de tristeza e dor... Apenas as fastidiosas cigarras continuam a chiar as agudas dissonâncias dos seus ritmos isocrônicos, que parecem aumentar ainda a exhaustiva languidez dêsses dias intermináveis...

Assim foi ontem, assim foi na semana passada, assim foi durante todo o mês de novembro, de dezembro, de janeiro...

Até que, enfim, amanheceu o dia 2 de fevereiro — ah! como despontou tão refrigerante esta madrugada! Durante tôda a noite caiu uma chuva lenta e abundante, que em poucas horas regenerou a face da terra. Um como suspiro de alívio estremeceu por tôdas as veias da criação...

Ainda está chuviscando; mas que importa? não posso ficar em casa; tenho de sair para me congratular com a natureza ressuscitada; ha uns ares de Páscoa, lá fora.

Subo ao monte, guiado por um trilho estreito em zigue-zague, que me leva através de um eldorado de vegetação variadíssima.

Ei-lo aí, à beira do caminho, o meu pézinho de amoreira, bem rentinho ao banco de bambú, onde costumo sentar-me, ao sol-pôr... Ah! agora, sim, trêfega plantinha! passaste uma escola de sacrifícios; aprendeste a enterrar as raízes solo adentro; assim é que eu te quero. Outrora, quando a umidade era muita, quando ignoravas o que fosse carestia e privação, andavas muito leviana e pimpona, com as raízes

rentinhas à superfície da terra, umas para a direita, outras para a esquerda, quais para o norte, quais para o sul; mas para o fundo é que não iam as tuas raízinhas caprichosas, porque a tua divisa era a lei do menor esfôrço, o *dolce far niente* do comodismo barato e fácil... Ainda te lembras, heim?... E que luxo de folhas trazias ao redor da cabeça e nos braços! folhas grandes, enormes, garridas, espalhafatosas....

Sobreveio então a sêca, essa sêca terrïvel, provação duríssima — e logo reparaste que o luxo das tuas folhas apresentava superfície demasiada aos ataques inclementes do sol, evaporando inùtilmente as preciosas seivas do teu interior. E tu, por bem ou por mal, resolveste encolher o mais possível essas folhas enormes, que acabaram por parecer umas mortalhas de cigarro.

Mas os ardores estivais continuavam tirânicos, e as tuas folhas desperdiçavam ainda notável quantidade de elementos vitais — e então fizeste o sacrifício heróico de lançar de ti tudo quanto era folhagem e exterioridade supérflua, ficando reduzida a um ridículo esqueleto de amoreira — tão ridículo que a sirigaita da tiri-

rica, lá no fundo do banhado, desandou numa gargalhada escandalosa...

Entretanto, a sêca continuava, e tu continuavas a sofrer fome e sêde; porque a camada de humus em que tinhas as raízes ameaçava converter-se num punhado de cinzas adustas.

— Que fazer nesses apuros, minha pobre amoreira?

— Que fazer? bem mo dizia o meu instinto: enterrei mais terra adentro as raízes, tão fundo, tão fundo que o calor não lhes pudesse chegar.

— Ah! que trabalho penoso, êsse! O chão estava duro, muito duro; e a ti te faltava o hábito de trabalho sério e constante. Mas trabalhaste, cavaste, aprofundaste, sofreste, lutaste, dia por dia, hora por hora... E, muito aos poucos, as delicadas pontinhas das tuas raízes conseguiram descer às profundezas da terra, às regiões misteriosas e úmidas, onde não chegam os ardores do estio.

E, assim, escapaste à morte, meu rico pé de amoreira. Foi-se o luxo, mas ficou a vida; pereceu a leviandade e aprendeste a trabalhar com afinco, abnegação e perseverança...

E agora, esta chuva benéfica — ah! como faz tão bem, depois de tão longas semanas de afogueadas auras...

* * *

Daí a poucos dias, estava a minha plantinha com folhas novas, mais belas e graciosas que as de outrora. Verdade é que já não tinham o tamanho desmesurado das antigas, cujos cadáveres adubavam o sólo, senão as proporções comedidas das amoreiras sérias. Mas, em vez do excesso de folhagem, principiaram a despontar, nos ângulos dos caules, uns botõesinhos vigorosos, que não tardarão a sazonar saborosas amoras. E' que as privações tiraram à minha plantinha as seivas supérfluas, e o aprofundamento das raízes lhe acarretou novos elementos de fecunda vitalidade.

E quando, mais tarde, sobrevier outra sêca, há de a amoreira verificar com satisfação que resistirá sã e salva — tanto mais que as folhas sacrificadas da primeira vez estão aí a cobrir o sólo em derredor, defendendo a terra dos ar-

dores do sol, e conservando a umidade das chuvas e o sereno das noites.

E minha pequena amoreira das montanhas bendisse os dias de trabalho e sofrimentos.

ESCARAVELHOS

Primavera em flor!

A natureza acorda com um brado de júbilo nos orvalhados lábios. Tudo é vida, tudo alegria, tudo encanto.

Ante os meus olhos se desdobra uma várzea imensa, coberta de aveludado tapiz verde-claro, pontuado, aquí e acolá, de uns tufos de verdura mais cerrada. Para além, um paraíso de papoulas côr de carmim, e de lírios brancos rajados de vermelho. Milhares e milhares de pequeninos aljôfres tremulam nas movediças pontinhas das folhas de capim, que margeia a estrada. As brisas matutinas segredam-me aos ouvidos umas coisas que mal compreendo, e o [illegible]do laranjal florido me envolve numa fant[illegible] nuvem de inebriantes aromas...

Como é tão belo o mundo, nesse trajo nupcial de hoje!...

E eu a contemplar, enlevado e extático, essa entrada triunfal da vida, essa esplendorosa vitória da luz sôbre as potências das trevas...

À sombra duma moita próxima, um casal de gaturamos parece empenhado em bater o *record* da música aviária, e por cima de minha cabeça, quase ao alcance do braço, uma caprichosa orquídea suspende a sua linguinha rendilhada, como que a sorrir-se brejeiramente das minhas divagações...

De repente, no meio dessa sinfonia primaveril, um zumbido forte e cheio vem ferir-me os ouvidos. Diante de mim adeja, traçado graciosos desenhos em forma de O e de 8, um lindo bezouro munido dum par de élitros esverdeados, que reluzem ao sol como duas palhetas de metal brunido. Ponho-me a seguir com a vista as evoluções aéreas do pequeno hemisfério volante. Andará êle em busca de alguma flor para lhe sugar o delicioso nétar?... são tantas as assetinadas pétalas, tantos os perfumosos cálices que trazem no fundo o doce líquido... Mas o meu interessante voador parece procurar algo de especial, alguma flor muito rara, alguma iguaria excepcionalmente supimpa... De certo, pertence à mais alta aristocracia da sociedade entomológica; deve têr um gôsto muito apurado, êsse artista...

De repente — zás! lá está êle no meio duma — esterqueira!...

Or a, um escaravelho!... um escaravelho das dúzias!... como a gente se engana com as galas das aparências exteriores!...

Num abrir e fechar d'olhos, sumiu-se o cintilante freguês monturo a dentro. Passados uns momentos, reaparece, focinhando àvidamente com a larga espátula que lhe guarnece a bôca, tateando com os dois leques das antenas e aspirando com imenso prazer as fétidas exhalações do esterquilínio...

Está no seu elemento. Aquilo é a primavera dêle...

E lá se deixa ficar, contente e satisfeito, enterrado na imundície — porque, afinal de contas, é escaravelho...

Fui prosseguindo o meu caminho através do esplêndido florir da natureza, enquanto aos ouvidos me chegavam as estrofes de um hino cantado ao longe, que dizia:

Minha vida é o lôdo,
Minha vida é na esterqueira;
Pelos montes da estrumeira
Eu me lambo todo, todo.

Através de mil monturos,
Pela fôrça do focinho,
Vou rompendo o meu caminho,
Longos túneis bem escuros.

Ah! que aromas, que primícias,
Imundície, tu me envias!
Tudo, todo me inebrias,
De balsâmicas delícias!

Pobres plantas, pobres aves!
Que ignorais os nossos gozos,
Êstes cheiros voluptuosos,
Tão jucundos, tão suaves!

Lá me importam primaveras,
Puras auras, lindas flores,
Alvoradas de mil côres,
Verdes vales, altas serras!

Quando em delicioso abraço
Com o meu quinhão de esterco,
Eu de vista o mundo perco
E dos cêus o vácuo espaço!

Viva, pois, a nossa gente!
Viva, cresça! sus! floresça!
E entre aromas esmoreça
Nos monturos, finalmente!...

* * *

Entrementes, a natureza continuava a sorrir, formosa e pura, e o sol matutino alargava cada vez mais o seu majestoso círculo pela cerúlea vastidão do firmamento; as aves trinavam, e as flores impregnavam de incenso as imensas galerias do templo de Deus...

MESTRE CONDOR

Era geral o desânimo no mundo das aves. Negro pessimismo alastrava nos corações de tôdas elas. A maior parte chegou a ponto de descrer da sua vocação para a vida volátil.

Passados alguns dias, tornou o velho mestre Condor a reunir os seus discípulos, na excelsa plataforma rochosa dos Andes, e, quando todos presentes, lhes fêz esta sapientíssima preleção:

— Meus caros ouvintes. Acabo de verificar, com a mais profunda dor de minha alma condoreira, que não há entre vós quem saiba voar segundo as regras da arte. Os vossos voos não passam de *dilettantismo* e obra de fancaria; não há entre vós, parece, um único voador profissional. E' necessário que recomeceis desde os fundamentos e passeis um curso completo de volatologia. Dar-vos-ei cada dia algumas horas de instrução teórica, mais uma hora de exercício prático

Quando a andorinha ouviu de "instrução teórica", soltou um suspiro involuntário, que escandalizou um velho pombo trocaz, tido e havido por um dos melhores noviços de mestre Condor.

Êste, habituado a dominar os seus sentimentos, limitou-se a desandar um olhar severo à irreverente criatura de Deus; depois, expandindo a imensa envergadura, se ergueu aos ares.

Tôda a passarinhada foi seguindo com os olhos as evoluções do glorioso voador, que, em elegantíssima espiral, ia subindo, subindo, subindo cada vez mais, até ficar do tamanho de um pontinho escuro a destacar-se, incerto, sôbre o azul do firmamento. E tudo isto fêz mestre Condor quase sem bater as asas, só em virtude de uns movimentos muito hábeis dos remígios das asas e das diretrizes do rabo.

Estavam todos assombrados com o feito incomparável do rei das aves.

Ao cabo de uma hora e tanto voltou êle à terra, retomou o seu lugar de mestre, no ponto mais alto dum penhasco saliente da cordilheira dos Andes, e disse aos seus discípulos estupefactos:

— Assim é que se voa, meus filhos. Quem não conseguir voar dêste modo, não atingirá jamais os cumes da perfeição.

Calou-se e correu um olhar inquisitorial pela roda; fitou os olhos penetrantes num tucano que lhe ficava de fronte e disse com voz de comando:

— Sr. Tucano, faça o favor de imitar o voo de que acabo de dar-vos exemplo prático.

O tucano, obedientíssimo, abriu sem tardança as asas pretas, e, com um jacto violento, se atirou aos ares, para, no momento seguinte, baixar por uns metros, e novamente reerguer-se com um arranco súbito, descrevendo, desta forma, um esquipático zigue-zague em sentido vertical.

— Errado! erradíssimo! — bradou mestre Condor. — Isto nem é voo; são cabriolas de dansarino, indignas duma ave que se preza.

— Mas, — interveio o tucano, com voz rouquenha e entreabrindo desajeitadamente o bico desmedido — o meu voo é êste, voo de tucano; voo conforme a natureza que Deus me deu; se fôsse condor voava como condor...

O velho preceptor meneou a cabeça, olhando com visível compaixão para o atrasado do tucano.

Veio a vez da andorinha. Essa mal aguardou a ordem do mestre, e — um, dois, três, — já deslisava pelo espaço com a leveza do espírito e a rapidez duma flecha disparada do arco. O seu voo elegante tinha algo da majestade de mestre Condor, abstração feita do dar de asas que a graciosa avezinha intercalava nos seus galhardos deslises, em intervalos mais ou menos regulares.

Mestre Condor ficou visìvelmente satisfeito com essa privilegiada criatura de Deus; apenas lhe recomendou, e com muita insistência, que, para chegar à perfeição. era indispensável extirpar aquele vício de bater as asas, habituando-se a um simples deslisar.

A andorinha escutou com religiosa atenção os conselhos do sábio mentor; nada replicou, nem se justificou com uma palavrinha que fôsse; mas o seu interior hirundino lhe dizia claramente: Impossível! a minha natureza de andorinha não me permite voar como condor, por mais belo que seja êsse voo.

— Sr. Colibrí! — exclamou o mestre. Palavras não era ditas, quando se ouviu um ligeiro sussurro como o zumbir de um inseto, e o pigmeu do mundo aviário já estava a dois quilômetros de distância. Parecia uma bala de fuzil desferida por mão invisível.

Mestre Condor, todo nervoso, estendeu o pescoço enorme desguarnecido de penas, e fêz sinal enérgico ao pequeno voador para voltar imediatamente ao seu lugar. Em seguida, passou-lhe esta catilinária:

— Escute, sr. Colibrí!

— Beija-flor é que é meu nome, se me faz favor — interveio a avezinha.

Os condiscípulos estremeceram em face de tamanha irreverência para com o grave asceta dos nevados píncaros das montanhas. Êste, porém, não deu sinal de zanga, e prosseguiu com entono dogmático:

— Escute, meu pequeno Beija-flor. O que você aí executou nem é voo de ave; é o vibrar das asas de inseto. Os insetos são uma raça de criaturas que ocupam plano muito inferior ao nosso; seria vergonhoso degradar-se uma ave à condição de coleóptero, de abelha ou de mosca.

Uma ave que se preza e que aspira à perfeição não vibra as asas como um bezouro; seria a negação do nosso estado. Não deve bater as asas de forma alguma, senão conservá-las extensas, executando ligeiros movimentos para baixo e para cima, colocando os remígios e as diretrizes à feição das correntezas aéreas; é nisto que está o segrêdo da perfeição e da mais sublime virtude.

O trêfego noviço esforçou-se lealmente por compreender tão alta lição, o que não obstou a que respondesse com muita sem-cerimônia:

— Acho muito bom, mestre Condor, que o sr. voe assim como acaba de dizer; mas não é para mim...

— Como? não é para você? se é mais perfeito, você tem obrigação de adotar êste sistema.

— Se eu fôsse condor; sim, mas ..

— Se você é ave e aspira sèriamente à perfeição do seu estado, não pode deixar de seguir o que reconhece pelo mais perfeito. Aprenda com o meu exemplo!

— Desculpe, eu sou beija-flor, — replicou o pequeno, com respeito e firmeza — e guio-me pelas fôrças e aptidões que o Criador me deu...

— Que falta de espírito superior! — exclamou o condor, escandalizado com semelhante naturalismo.

O beija-flor calou-se. Também as outras aves se quedavam, perplexas e indecisas, em muda resignação. A autoridade de mestre Condor era grande, muito grande; todos lhe reconheciam a incontestada superioridade no reino imenso dos espaços.

Finalmente, se animou o colibrí a acrescentar:

— Hei de esforçar-me por voar do modo mais perfeito possível — voo de beija-flor, porque Deus me fêz beija-flor . . .

Tão sensata era esta ponderação que calou profundamente nos corações de numerosos condiscípulos.

* * *

Entrementes, prosseguiam os ensaios e exercícios, com resultados mais ou menos negativos.

A partir desta data, convocava mestre Condor os seus discípulos cada dia, na excelsa plataforma rochosa dos Andes, doutrinando-os larga e explicitamente sôbre a perfeição da arte de voar.

Todos se esforçaram heròicamente por observar as indicações do experimentado mestre e

seguir-lhe à risca o preconizado método. Resultaram daí verdadeiros desastres, a ponto de alguns voadores se machucarem gravemente com as quedas que levavam; outros davam de encontro aos rochedos e aos troncos das árvores; um bem-te-vi quebrou a ponta do bico e foi obrigado a uma dieta forçada por diversos dias, com grande gáudio das abelhas.

E assim por diante.

O resultado final foi que, depois dêste longo e penoso tirocínio, tôdas as aves — desde a pomba e o papagaio até ao tucano e ao pica-pau, desde o sabiá e o gavião até ao beija-flor e à andorinha, e todos os mais plumitivos — chegaram à conclusão de que não tinham vocação para o voo; estavam a ponto de cair vítimas do mais negro pessimismo e começar a arrastar-se daí por diante pelas poeirentas estradas da terra, como as serpentes e os lagartos, os sapos e as tartarugas — quando, sùbitamente, apareceu um gaturamo côr de topásio e de safira e salvou a situação; firmou-se na ponta dum raminho e exclamou cheio de desasombro:

— Meus amigos! a perfeição não está em saber voar precisamente como mestre Condor,

mas, sim, em que cada qual de nós execute do modo mais perfeito possível aquele voo para o qual Deus o criou. Seja o canário perfeito no seu método característico, a andorinha no seu, o beija-flor no seu. Quem foi criado para bater as asas, bata as asas. Quem foi feito para vibrar as asas, vibre as asas.

— Muito bem! apoiado! — interveio a andorinha — grande verdade! Isto é que é mais bonito e mais variado! Se todos voássemos do mesmo jeito, que coisa aborrecida e monótona não seria! Não é a vontade do Criador, pois não nos fêz tôdas iguais, pela mesma chapa. Viva a liberdade dos voadores de Deus!

— Viva! viva! viva!...

Quando se perderam nos rochedos os últimos ecos dêsses vivas, mestre Condor já não estava; sumira-se imperceptìvelmente.

E a passarinhada se dispersou, alegre e contente, sacudindo o torpor e o pessimismo que durante tão longo período lhes ocupara o interior — com as doutrinas pedantescas de um mestre mesquinho e desastrado.

VIDEIRAS

— Tem piedade de mim, sr. jardineiro! tem piedade de mim!... não me cortes o que tenho de mais querido! êstes ramos tão lindos que tanto trabalho me custaram!... prometo querer produzir grande quantidade de uvas, e das melhores do mundo. Tem piedade de mim, sr. jardineiro!...

Assim suplicava uma videira baraçuda, ao ver aproximar-se o viticultor, de podadeira em punho.

— Pois sim, minha formosa videira — respondeu êle, sorrindo amigàvelmente. — Hei de têr piedade de ti, muita piedade, uma vez que és tão forte e esperançosa. Quero ver-te, êste ano, mais bela e fecunda que tôdas as tuas companheiras; quero que os teus cachos se tornem mais graúdos que todos os outros; quero fazer com que produzas um vinho especialíssimo, digno de figurar no altar do meu Senhor e Mestre.

— Ah! mil graças, mil graças por esta bondade, sr. jardineiro. Feliz de mim, que me será dado produzir um licor destinado a servir na liturgia de meu Deus. Honra demais para mim... Ficarei, pois, com tôdas as varas que criei e não passarei pelas torturas da poda, ditosa de mim!...

— Não é tanto assim, minha videira; não me compreendeste bem. E' indispensável que te sujeites à poda. Do contrário, não estarias em condições de cumprir a tua grande missão.

— Como assim?... que mal fiz eu para sofrer semelhante castigo?...

— Não é castigo; é prova de grande bondade e amor.

— Não fiz, porventura, o que estava da minha parte? não produzí dezenas de cachos magníficos, o ano passado? e em recompensa dêste trabalho hei de perder os meus membros? êsses sarmentos que tanto bem te causaram?...

— Sossega, videira minha! Se fôsses uma videira à toa, sem préstimos, deixar-te-ia crescer a bom crescer, como deixo crescer tua irmã rebelde que se meteu pelas capoeiras. Mas, como és uma videira de lei, e tens dado uvas

esplêndidas, prometendo dá-las mais belas ainda, por isso é que venho podar-te. Sei que é dolorosa a operação, e sinto que vás sofrer; mas é necessário para que se manifestem em todo o esplendor as virtudes recatadas no teu seio. Se te deixasse crescer a teu capricho, não tardarias a criar grande luxo de folhagem, e o melhor quinhão das tuas seivas se perderia nessas exterioridades, e o teu fruto seria pouco e de sabor agreste. Compreendes?

— Não compreendo... E' bem estranho... Eu, castigada por ser boa; e minha irmã, que fugiu do parreiral, a levar vida folgada, sem têr que receiar a podoa, nem os estreitos liames qque a prendam à latada... Não compreendo essa filosofia...

— Has de compreendê-la mais tarde. Por ora, é creres na minha boa vontade e no bem que te quero. Não há por que invejares a sorte da infeliz rebelde. Bem castigada será ela; não produzirá o que preste, e, daquí a pouco, será derrubado e lançado ao fogo o pé de camboim que lhe serve de sustentáculo. Se ela fôsse boa, podá-la-ia como a ti; mas como já está por demais contaminada e degenerada pela diuturna convivência com as parras do mato,

nem já oferece esperança de regeneração, deixo-a crescer a seu gôsto e talante. Em ti, porém, deposito grandes esperanças; por isso é que não te quero deixar sem trato Mais tarde compreenderás a sabedoria e bondade da minha pedagogia, e agradecer-me-ás a dolorosa provação.

* * *

A videira calou-se e baixou a cabeça, resignada, a tremer em todo o corpo, na previsão das dores que a aguardavam.

O viticultor assentou-lhe, com mão firme, a podadeira no sarmento mais belo e viçoso, e — zás! estava em terra o magnfico baraço de dois a três metros de comprimento. Mais outro, mais um terceiro, e assim por diante, até que não restava senão a cêpa, feia e tôsca como um esqueleto de defunto...

E a pobre videira a chorar lágrimas cristalinas — lágrimas? não! era o sangue das suas veias, era a seiva de seu coração que corria de inúmeras feridas abertas pela lúmina cruel do jardineiro. Fazia pena vê-la assim...

* * *

Nisto passou ao pé da latada um jovem cheio de nobreza e dignidade, acompanhado de doze homens singelamente vestidos como êle. Parou uns momentos, olhou para a videira recém-podada, com ares pensativos, e disse aos companheiros:

"Tôda videira que produzir bons frutos será podada para que produza frutos ainda melhores e mais abundantes"...

Os doze ouviram estas palavras, cravaram uns olhares admirados no Mestre, e nada responderam.

E seguiram caminho, silenciosos, absortos em profunda meditação...

FILOSOFOS SUBMARINOS

Oceano Pacifico...

Dois mil metros de profundidade...

Silêncio e trevas...

Solidão imensa...

Duas ôstras, reclusas no acanhado receptáculo das suas conchinhas nacaradas, filosofavam sôbre os magnos problemas da vida e do espírito.

Eram quase onicientes, essas duas.

— Ouvi dizer — disse Bathybius, entreabrindo vagarosamente as duas válvulas da sua casinha portátil — ouvi dizer que, lá fora, existem espaços imensos que não são formados de água salgada.

— Que absurdo! — replicou Pelagius, emergindo a custo duma camada de lama escura. — Espaços sem água salgada? quem foi que tal coisa sonhou?

— Foi o amigo Porichtes-notatus que mo disse.

— Quem é esse Porichtes-notatus?

— E' um peixe de olhos fosforescentes, que, de vez em quando, vem iluminar estas profundezas. Sabe muita coisa. E' um filósofo...

— Não creio na filosofia desse cidadão — retrucou Pelagius, estalando ligeiramente uma contra a outra as duas partes da sua linda conchinha. Depois de uns momentos de silenciosa meditação, acrescentou: — Se lá fora não existe água salgada, que é que existe?... Fora da água salgada, nada pode existir....

Bathybius, em vez de reagir a tão filosófica ponderação, continuou a argumentar *ex auctoritate*, dizendo vagarosamente:

— Contou-me ainda esse mesmo peixe que, lá encima, ha um elemento que se chama ar...

— Ar? que coisa vem a ser ar?

— E' o que ninguem sabe; mas...

— Por sinal que não existe. Quimera! Eu só creio o que compreendo. E' a lei do bom senso.

— Ha pouco, disse-me também o amigo Malacosteus-niger que, muito longe daquí, existem seres estranhos que se locomovem por meio de duas pernas; outros teem quatro, e alguns até chegam ao luxo de possuir seis desses membros estranhos...

— Pernas? que está dizendo?

— Deve ser uma espécie de barbatanas, creio...

— Mas, para que pernas?

— Para andar, creio.

— E será possível andar com essas pernas? ainda se fôssem barbatanas... Nós não temos pernas, e nos movemos com grande velocidade, dois palmos por dia. Então?

— Ante-ontem — prosseguiu, imperturbavel, o velho Bathybius, com ares muito graves e o corpo ligeiramente caido para um lado — ante-ontem passou aqui o exquisitão do Lasiognatus-saccostoma, conhece?

— Nunca vi esse fantasma...

— Pois é um peixe pescador, e dos mais esquipaticos que conheço. Mas é um sábio como ele só. Conhece todos os mares. Sabe tudo, e mais ainda. Disse-me que, lá encima, existia um fenômeno estranho, parecido com as lanternas fosfóreas que nossos vizinhos teem na cabeça, porém bastante maior e mais forte. E' uma espécie de roda de luz muito grande...

— E donde viria essa luz?

— Das alturas do céu.

— Há! há! há! . . . das alturas do céu? de algum peixe? . . .

— Não, do sol. . .

— Fábulas! pilhérias! . . .

— O camarada Linophryne-polypogon, que é tão sábio quão feio, foi, certo dia, puxado à superfície das águas salgadas, dentro de um aparelho singular, de paredes duras e brilhantes. E viu criaturas do outro mundo! Falavam e trocavam idéias, como diziam. Chamam-se homens, esses seres estranhos. São muito grandes, porém, atrazados, ignorantes e selvagens. Nem sabem nadar. Teem medo da água. Morrem quando engolem água salgada. As idéias que os homens teem são muito exquisitas. O que de nós dizem está tudo errado, mas eles não sabem, porque não sabem nada, nem nadar. Meu amigo conseguiu, felizmente, safar-se de dentro daquela geringonça. Do contrário, o seu corpo se teria derretido, por falta de pressão . . .

— Homens? idéias? que está dizendo, meu velho? você sonhou? você enlouqueceu, amigo Bathybius?

* * *

Seguiu-se a este sapientíssimo diálogo submarino um longo silêncio, silêncio tão grande, tão profundo, tão absoluto que distintamente se percebia o discreto murmúrio do salso elemento nos rochedos imensos, onde uma colônia de corais tentava construir um castelo fantástico côr de rosa.

De repente, um dos invisíveis arquitetos, lá do castelo, soltou uma risadinha subtil e disse de si para si:

— Ora, essas ôstras!... essas ôstras!... teem cada uma...

— Quem é que está falando? — bradou Pelagius com tanta veemência que perdeu o equilíbrio e se enterrou na lama salgada das profundezas do Pacifico. Quando conseguiu rehaver o equilíbrio, reinava o mesmo silêncio que costuma habitar a noite eterna dos mares...

Depois de longa espectativa, perceberam os dois moluscos, a dois mil metros de profundidade, estas palavras incisivas veiculadas pelas águas e pelas trevas:

— Ora, essas ôstras!... essas ôstras!... que é que elas sabem?... Se soubessem o que nós sabemos... Para além das águas — um

mundo de maravilhas e de luzes... E essas moluscos onicientes ignoram tudo, tudo, tudo...

Depois disto, nada mais se ouviu senão o discreto murmúrio das águas eternas nas cavernas do castelo côr de rosa...

* * *

Numa das próximas assembléias gerais dos moluscos e moluscoides do Oceano Pacifico foi promulgado o seguinte decreto:

"Considerando que nós, as ôstras do mar, somos os mais antigos habitantes do universo;

Considerando que somos as criaturas de mais vastos horizontes;

Considerando que a ciência da nossa raça é de tôdas a mais profunda — pois que atinge a dois mil metros de profundidade;

Considerando que a Constituição do nosso império é de todas a mais sólida e inquebrantavel — pois que é feita de cálcio e de sílica;

Considerando que nós somos os seres mais preciosos do mundo — porquanto o homem dá a própria vida por uma só das nossas pérolas:

Decretamos e promulgamos, em virtude do poder que nos faculta o pacto fundamental do

nosso império, que fóra de nós e das nossas profundezas nada existe de real. Quem admitir o contrário é um atrazado e perde, *ipso facto,* os foros de cidadão neptunino. Revogam-se as disposições em contrário".

Assim reza o decreto elaborado e promulgado pelos onicientes filósofos submarinos.

Foi resolvido na assembléia geral dos moluscos e moluscoides do Oceano Pacifico que se perpetuassem nos rochedos indestrutiveis, a dois mil metros de profundidade, os nomes dos inteligentes filósofos que com os fulgores da sua sabedoria iluminaram as trevas do Oceano.

E assim se fez.

HARMONIA ORGANICA

Foi realmente trágico aquele dia...

Dia de *greve* universal...

Havia muito tempo que os membros e órgãos do corpo vinham articulando esse movimento paredista. E nesse dia, 1.º de maio, estourou a bomba — e alastrou a desordem por todas as províncias da monarquia orgânica.

Os olhos, descontentes com a sua função, resolveram suspender o trabalho monótono de tantos anos — e logo a mais lúgubre escuridão se derramou em torno do organismo...

Lavraram os ouvidos solene protesto contra a ignóbil escravidão que lhes era imposta pelas vibrações aéreas, e cerraram-se obstinadamente à invasão das ondas sonoras, viessem donde viessem — e no mesmo instante sepulcral silêncio encheu o ambiente...

— Eu, laboratório químico? — disse o olfato. — Protesto! reclamo os meus direitos sociais!

Ainda no mesmo dia, a língua e o paladar, de comum acordo, suspenderam as suas atividades proletárias, porque nelas reconheceram desdouro à sua excelsa dignidade.

Quando os pés, lá embaixo, souberam da *greve* das classes superiores, sentiram estuar to de profunda revolta celulares um sentimento de profunda revolta contra a ditadura que lhes era imposta contra a sua vontade, e, chamando em auxílio suas camaradas, as mãos, declararam ao tirânico soberano Espírito que não mais obedeceriam a ordem alguma que lhes fosse transmitida por meio de nervos e gânglios, porque êles, os pés e as mãos, estavam fartos da condição de simples párias sem direito de espécie alguma; que era contra os seus direitos naturais desempenharem a função estúpida e ultra-prosáica de levarem o nédio capitalista Corpo para onde lhe aprouvesse e trabalharam por êle. "Nunca mais!" exclamaram os quatro revolucionários com tanta veemência que quase se lhes destroncaram as articulações.

O estômago, esse nada disse, mas começou a neutralizar em silêncio os seus fermentos e obstruiu a entrada do esôfago para não ser perturbado no seu protesto tácito.

Tambem o coração e os pulmões resolveram aderir ao movimento paredista, mas ainda não haviam terminado os estudos nem planificado os trabalhos sôbre o modo de melhor realizar o seu intento, que lhes poderia acarretar consequências funestas, no caso que a suspensão das atividades durasse muito tempo e viessem a escassear o combustivel aéreo e as torrentes rubras, veiculadoras da vida.

Lá no alto, no diretório central da monarquia orgânica, trabalhava o Espírito por impedir as funestas consequências dessa *greve* universal dos membros e dos órgãos do corpo; só ele abrangia, numa visão panorâmica, os interesses reais da coletividade e era responsavel pela prosperidade do todo. Dava as suas ordens e diretivas; mas os fios telegráficos dos nervos se negavam a transmiti-las às estações e agências dos musculos, dos tecidos celulares e das papilas sensitivas disseminadas por tôdas as latitudes e longitudes da monarquia.

E assim foi definhando aos poucos, por falta de harmonia e colaboração recíproca, uma das maiores maravilhas da Natureza...

E, com o progressivo esfacêlo do todo, foram perecendo tambem as suas partes integrantes. A catástrofe geral se refletia, funesta e deletéria, sôbre a vida e atividade de cada um dos órgãos e membros em *greve*...

Então começaram os descontentes a compreender a verdade redentora: que a harmonia do organismo era a felicidade dos órgãos, e que o desequilibrio do composto era a morte dos componentes... Compreenderam que a sinfonia social nasce duma inteligente unidade em plena multiplicidade...

E voltou cada membro e órgão ao seu trabalho peculiar. E, sob a criteriosa direção do Espírito, despontou para a monarquia orgânica numa era de paz e de vigorosa prosperidade.

O QUE ME DISSE LALÁ...

Quando Lalá saiu do minúsculo ovinho que sua mãe colara previdentemente na face inferior duma grande folha de aristolóquia, amanhecia precisamente o esplêndido sol do dia 1.º de outubro.

Na mesma hora sairam tambem das suas casquinhas de quitina umas dezenas de outras larvinhas, irmãs gêmeas de Lalá. Esta, porém, nada viu do grande acontecimento vital, assim como aquelas não prestaram atenção a Lalá. Cada uma das recem-nascidas, começou logo a roer os tecidos celulares da verde folha, prato gostoso que a Natureza lhes oferecia de graça. Disto sabia a borboleta-mãe, e foi por esta razão que ela pôs o seu taboleiro de ovinhos, simetricamente dispostos, debaixo daquela folha de aristolóquia.

Anoiteceram sôbre a cabeça de Lalá e suas irmãs muitos dias cheios de poesia dolente e amanheceram muitas alvoradas repletas de perfumes e de júbilo.

A larvinha, porém — deixemos de parte as outras — não fazia senão comer e digerir; pois tinha de armazenar grande cópia de material de construção para um edifício artístico. Verdade é que ela nada sabia dessa maravilha orgânica para a qual tinha de reunir matéria-prima; mas uma grande Inteligência — inconciente em Lalá, porém conciente em si mesma — controlava o trabalho e mobilizava todas as fôrças do pequenino ser em ordem à arquitetura do planejado edifício.

O que a larva auri-negra fazia na sua atual existência não era senão a primeira fase do grande cometimento; equivalia a um pesado trabalho de cantaria; era qual pedreiro que da montanha arranca enormes blocos de granito e os reune em determinado lugar, desbastando-os ligeiramente à fôrça de marretadas. Do interior dos verdes tecidos da planta que lhe servia de *habitat* extraía Lalá como que pedaços amorfos de matéria orgânica, de cada folha um pouco. Reunia, dentro do reduzido espaço do seu corpo tubular, esses toscos fragmentos de material de construção, à espera do prosseguimento da obra em outro período.

Neste árduo trabalho de desbastamento levou a lagarta quase dois meses.

No princípio do terceiro mês cessou a sua faina gastronômica e conservou-se imovel debaixo da folha. Depois, abandonou pela primeira vez o pé de aristolóquia e foi em busca de algum cantinho sossegado, que não tardou a encontrar debaixo do galho duma árvore próxima. Passou uns dias imersa em grande tristeza e quase completa imobilidade. Parecia doente, prestes a morrer. Chegou mesmo a vomitar, não o que comera, mas expeliu da boca uma gotinha pegajosa que colou no galho da árvore. Depois, virando o corpo, prendeu o trazeiro nesse pinguinho de goma até se sentir presa por ela. Desprendeu então do galho a parte dianteira do corpo e ficou assim suspensa de cabeça para baixo. Foi se encolhendo, encolhendo cada vez mais, até ficar reduzida quase à metade do seu comprimento normal, engrossando ao mesmo tempo.

* * *

Tudo isto, e muito mais ainda, me contou Lalá no dia 1.º de dezembro, quando já borboleta. Deu um giro aéreo por sobre um cantei-

ro de papoilas, e, voltando aonde eu estava, prosseguiu:

— Morri no dia 15 de novembro, ao pôr do sol...

— Morreu? e como é que está viva? — estranhei.

— Morri, sim, morri parcialmente, mas alguma coisa em mim ficou viva.

— Sua alma?

— Sim, alguma coisa estranha e querida, que já estava dentro de mim quando eu era ovo, que ficou dentro de mim quando lagarta, isto não morreu quando virei bonequinha de cabeça para baixo. Meu Deus do céu, que aventura, aquela!...

Lalá juntou as quatro asas côr de tijolo debruadas de escuro e parecia meditar com horror naquele período de trevas e mistério que passara no interior da crisálida. Depois prosseguiu:

— Escureceu tudo em torno de mim. Nada mais vi. Nada ouvi. Nada senti. Fiquei suspensa num grande silêncio, mergulhada numa noite que parecia um vácuo. Mas, apesar dessa profunda inconciência — não sei como

— recordo-me de tudo que comigo se passou durante aquele longo sono.

— Quanto tempo durou esse sono, Lalá?

— Creio que umas dez vezes nasceu e morreu o sol. Eu adivinhava o que se passava fora e dentro de mim. De repente — zás! — levei um choque... pensei que ia morrer...

— Que acontecera?

— Estalara-me nas costas a pele de larva. Agitei-me, sem acordar... Era um sono encantado que não me deixava acordar... Sinistra feitiçaria... Sacudi a película aderente ao meu corpo, e ela caíu. Fiquei só eu...

— Como é que era?

— Suspensa debaixo do galho havia uma bonequinha verde-clara com duas pintinhas de ouro na cabeça e um anel dourado ao redor do abdômen, isto é, lá onde estariam estas partes mais tarde, porque a bonequinha não tinha nada disto. Parecia uma grande gota verde presa ao galho.

— Você estava com medo, Lalá?

— Medo, propriamente não. Era uma sensação de espectativa que ninguem pode compreender quem não passou por que eu passei. Tinha ilimitada confiança em a Natureza, que

não erra nem maltrata seus filhos. Espera — dizia-me uma voz interna — espera, que vai acontecer algo de estupendo, Lalá! depois deste silêncio e desta noite vai amanhecer um grande dia banhado de luz e amor...

— E que aconteceu nesses dias, dentro da tua crisálida?

— Vou contar-te o que aconteceu, mas tu nunca e nunca o saberás. E' impossivel compreender. Durante esses dias, minh'alma não teve um momento de descanso. Quando lagarta, eu trabalhava de dia e repousava de noite; mas dentro da treva da crisálida não conheci um segundo de inércia.

— E que fazia tua alma, Lalá?

— Assim que se viu a sós e bem protegida do mundo externo, minh'alma se apoderou logo daquela matéria-prima que eu, quando larva comilona, recolhera das folhas da aristolóquia, e pôs-se a construir dela um corpo — um corpo? não, um sopro de corpo; a parte dianteira mais dura, a parte trazeira mais mole; seis pernas articuladas; quatro asas artisticamente desenhadas em várias cores e recamadas dum finíssimo pó; pôs-me na cabeça um par de olhos hemisféricos, cada um dos quais constava de milhares

de facetas visuais; por fim, muniu-me a parte dianteira da cabeça duma tromba.

— Duma tromba? tromba, só para elefante!...

— Olhe a minha tromba, se é de elefante, ó homem! — exclamou Lalá algo ofendida, desenrolando rapidamente um finíssimo cabelinho espiralado atravessado por um canal. Ergueu-se aos ares e foi pousar sobre o cálice duma pequena campânula azul, introduzindo a flexivel seringa numas aberturas ao pé das anteras onde estava o depósito de nétar. Almocei bem, disse ao voltar e retomou seu lugar perto de mim.

— E como terminou aquela noite misteriosa no interior da crisálida, Lalá?

— Terminou terminando... Enquanto não vinha esse dia glorioso, foi minh'alma trabalhando dentro daquele verde mingau, selecionando elementos, discriminando substâncias, dispondo as matérias para cada órgão, destinando a cada um a sua função peculiar — ah! sr. homem! alma de borboleta é inteligente, muito inteligente!...

— Sei, sei. E' a alma da Natureza, é a grande Inteligência do Universo. Continue.

— Quando minh'alma acabava de criar, formar e dispor tudo, abriu as portas para o mundo da luz — rompeu o invólucro da verde bonequinha — e saí eu... Eu mesma!...

Lalá bateu freneticamente as grandes asas cor de tijolo debruadas de escuro e parecia ter enlouquecido de prazer. Tambem o sol estava tão lindo, e das bandas do oriente vinham uns perfumes tão fortes que inebriavam todos os seres. Vi que minha gentil interlocutora estava sendo convidada para um bailado aéreo por um bando de lepidópteros que adejavam em derredor, quase ao alcance das minhas mãos. Entretanto, para a ouvir por mais tempo — porque gosto de conversar com a alma dos seres puros assim como sairam das mãos do supremo Artífice — perguntei:

— Como? essas grandes asas estavam dentro da crisálida?

— Estavam, sim, mas cuidadosamente dobradas sobre si mesmas, ainda molesinhas e flexiveis como folhas de celofane. Assim que me vi fora da clausura, agarrei-me com quantas pernas tinha ao invólucro vazio e ao galho e comecei a desembrulhar as asas, agitando-as ligeiramente para secarem; pois estavam úmidas.

Pelos milhares de olhos adentro me entrou um mundo de luzes e cores — coisas fantásticas que quase me deram vertigens... Sentia-me feliz, imensamente feliz... Sabia que atingira as alturas da vida, que mais alto não podia subir...

Assim que senti as minhas asas enxutas e firmes, agitei-as de leve — funcionavam sem o menor ruido — e eis-me suspenso no ar, nuns fiosinhos de luz solar! Veio uma aragem e levou-me consigo. E eu me deixei levar, ébria de alegria e de gozo. A terra era verde, os ares tépidos, os canteiros em flor... Vi em derredor um mundo de seres iguais a mim a adejarem pelos espaços repletos de vida. Travei conhecimento com um companheiro, e tanto gostamos um do outro que resolvemos transmitir a outros seres a nossa grande felicidade. Pois, quando somos muito felizes, tão felizes que a felicidade não caiba dentro de nós, então temos vontade de comunicar a outrem uma parcela da nossa grande plenitude; e nossa felicidade gera novos seres destinados a serem receptáculos e veículos das delícias que nos enchem a alma e transbordam do nosso ser...

Calou-se Lalá, como que a recordar algo imensamente querido e suave. Passou perto de nós uma abelha com rebrilhos de ouro, pousou um instante na mesma folha em que estava a borboleta, mas, levada pelo gênio irrequieto que caracteriza esses fabricantes de mel, tornou logo a desaparecer com forte zumbido.

Lalá, falando antes à si mesmo do que a quem a escutava, murmurou:

— Ovo, lagarta, crisálida, borboleta —

Tudo isto sou eu...

Uma alma em quatro corpos...

Entre o ontem e o hoje vai uma noite —

Entre o que fui e o que sou vai uma morte...

Morte parcial e transitoria —

Vida total e perene...

Ocaso da semi-vida —

Aurora da pleni-vida...

Como sou feliz em teu seio —

Natureza de Deus!... ·

O JUGO DO SOL (1)

Ilustre auditório!

Ouví as minhas palavras! palavras de verdade, de liberdade e de glória! Nós, as plantas, somos de tôdos os seres vivos os mais antigos. Ainda não existia homem nem animal sôbre a face da terra, e já a nossa ilustre raça cobria as planuras dos vales e os cumes das serranias. A terra é nossa. Os animais são tributários nossos. Os homens dependem das nossas boas graças. Todos êles se nutrem das substâncias orgânicas que nós fabricamos. Ignorais, porventura, ilustres colegas, que nós, graças à clorofila que possuímos, transformamos em orgânicas as matérias inorgânicas? é monopólio nosso. No dia em que deixarmos de fornecer aos sensitivos os elementos de que teem mister, nesse dia teremos o fim do mundo. Sim, srs., tôdos precisam de nós, desde

---

(1) O pensamento básico desta e da seguinte alegoria é da autoria do escritor dinamarquês J. Joergensen.

o mais primtivo molusco até ao colosso do elefante, desde a trêfega borbolêta até ao majestoso condor, desde o desprezível gafanhoto até o prodígio do homem — tôdos, tôdos êles são tributários na nossa rainha, d. Flora. Somos, de fato, os dominadores do universo. A própria terra se nutre das nossas fôlhas e dos cadáveres dos nossos irmãos. Se não fôssemos nós, a terra já nem seria terra — seria um rochedo estéril, seria um deserto...

Assim arengava um choupo altaneiro, que se erguia no meio de vasto milharal. E os numerosos ouvintes escutavam, imóveis, a estupenda sabedoria, mal ousando entregar às aragens as pontas delgadas das suas folhas. Ao ouvirem da bôca do ardoroso tribuno quanto valiam e o muito que podiam, ergueram mais alto os fartos pendões, que precisamente nesses dias vinham despontando por entre as verdes bainhas, e acenaram ao orador os seus protestos de adesão e solidariedade.

Entretanto, o choupo prosseguiu:

— Esperançosa assembléia ! Não há dúvida que somos os senhores do universo. Existe, todavia, um poder neste mundo que pretende manter-nos em vergonhosa dependência e que de modo nenhum quer sujeitar-se ao nosso do-

mínio. Claro está que não me refiro à atmosfera que nos circunda; porque esta, em boa parte, é produto nosso; bem breve, os homens e os animais cairiam asfixiados, se nós não tivéssemos o cuidado de renovar constantemente as substâncias gastas do ambiente. Não, meus ouvintes, não me refiro ao ar. Refiro-me a êsse corpo celeste que se chama sol. Dizem que dependemos do sol, que nos alimentamos da sua luz, que frutificamos ao calor dos seus raios. Dizem, meus irmãos, dizem! Mas eu não creio nessa fábula. Pois nós somos um povo livre e independente e não temos necessidade de sol nem de raios solares. Somos suficientes a nós mesmos, e não precisamos de quem quer que seja! Tenho até fartas razões para crer que a luz solar é nossa desgraça, tanto assim quem vem crestar-nos as folhas recém-nascidas e faz secar as nossas raízes. O sol é um parasita, um tirano, um malfeitor, que nos avilta e nos explora.

Nesta altura, o choupo abriu nova pausa e compôs as folhas arrepeladas. Uma tempestade de *apoiados* correu por tôdas as longitudes e latitudes do milharal e das províncias circunvizinhas.

Ao longe, porém, na orla do mato, duas figueiras nodosas e alguns louros seculares, ornados de longas barbas cinzentas, meneavam a cabeça, murmurando palavras incompreensíveis; e um velho coqueiro, alto como uma tôrre, atirou para baixo, em sinal de protesto, uma das suas últimas folhas esfiapadas pelo vento.

Mas a turba multa dos movediços pés de milho não tinham olhos nem ouvidos senão para o fogoso orador e suas luminosas idéias.

— Não ignoro — prosseguiu o choupo — não ignoro, erudita assembléia, que existe nos domínios da flora um partido reacionário e inacessível às gloriosas conquistas do século da liberdade. Entretanto, modéstia à parte, sabei, distintos correligionários, que minha família não é de hoje nem de ontem; eu venho de terras longínquas, dalém do Atlântico, eu conheço as idéias de outros povos, as aspirações de nações sapientíssimas, os excelsos ideais dos arautos de emancipação e da liberdade. Ora, irmãos caríssimos, se não quiserdes fazer parte dos povos obscurantistas e retrógrados, então fora com essas velharias! fora com essas bolorentas relíquias! fora com êsses mitos de sol e de luzes celestes! não precisamos disto! é contra os direitos pessoais do indivíduo! é

um insulto à nossa dignidade de plantas autônomas e independentes! Morra a escravidão e viva e liberdade!

Foi imensa a trovoada de aplausos. Os pés de milho abriram em cheio os seus garbosos pendões e sacudiram chuveiros de poeira branca, que pareciam nuvens de incenso; e as verdes folhas flutuavam freneticamente nos ares como outras tantas flâmulas e galhardetes côr da esperança; e ao perto e ao longe, as outras plantas atiravam luzentes pétalas e punhados de folhagem ao glorioso pioneiro da liberdade.

Os gigantes da floresta, porém, continuavam a dissuadir e a protestar. Mas não foram atendidas as suas vozes, porque eram vozes de velhos, que não compreendiam as briosas aspirações do mundo juvenil.

— Mãos à obra! — bradou o fogoso tribuno — Não fiquemos em teorias! façamos o que os homens chamam uma *greve!* elaboremos o nosso programa! Havemos de provar ao mundo que não dependemos do sol, que não nos dobramos a jugo de espécie alguma Ouví a minha proposta, distintos correligionários! De dia, enquanto o sol passear pelo firmamento, não faremos senão o que for absolutamente indispensável. De noite, porém, ha-

vemos de crescer, de florescer, de sazonar os nossos frutos; por entre as trevas da noite é que havemos de ostentar o mais belo das nossas galas, e exhalar o mais suave dos nossos perfumes. Dest'arte, iremos criando uma geração nova, uma geração noturna, uma geração dotada de forte sentimento de autonomia e liberdade. Então, meus irmãos, despontará a idade áurea da flora, a época inefável em que no mundo inteiro se cantará o hino da liberdade. Vamos mãos à obra! nós o queremos

E com isto, o choupo encerrou o seu fabuloso discurso pró liberdade.

* * *

Ainda naquele mesmo dia puseram as plantas mãos à obra. No centro, o intrépido protagonista; em derredor, o extenso milharal; mais além, uma vegetação de juncos, bem como muitas outras plantas da vizinhança, começaram a executar o novo programa social. Mal tremeluziam os primeiros clarões da aurora, fechavam-se as folhas, e os cálices das flores recusavam-se a apresentar as faces aos raios solares. De noite, porém, quando as trevas co-

briam a terra, então os emancipados entravam numa atividade febril.

Passaram alguns dias.

Os homens, admirados, não achavam solução ao estranho fenômeno; os lavradores olhavam para o futuro cheios de apreensões, ao mesmo tempo que os jornais traziam alentadas colunas sôbre "epidemias vegetais" e "carestia iminentes".

Mais uns dias — e os formosos pés de milho deixavam pender melancòlicamente as longas folhas, como se fôssem desgrenhadas cabeleiras de chorões; e nas pontas das tenras bonequinhas iam murchando os sedosos fios dos estames, enquanto as garbosas bandeiras apodreciam e caíam aos pedaços...

Também os grevistas dos países limítrofes, contagiados pelas mesmas idéias, principiaram a alastrar de folhagem murcha o solo circunvizinho.

Certo dia, um como murmúrio de descontentamento se fêz ouvir no meio dos filhos de d. Flora. Então, o choupo, coberto de folhas côr de canário, ergueu a cabeça altaneira e disse:

— O' irmãos meus! como sois tão tolos e sem compreensão! pois não vêdes que agora é que sois bonitos? mais bonitos que nunca dantes? Outrora, verdes como o vulgo ignorante e rotineiro; agora, côr de ouro e de luz — o ouro da liberdade e a luz da glória transparece dos vossos corpos. O verde provinha do sol — libré da escravidão; êste amarelo vem de nós mesmos — é a túnica da liberdade. Agora, sim, que somos perfeitamente autonomos e senhores de nós! Acabámos de sacudir o jugo do sol e não tardará a despontar a aurora da nossa completa felicidade — e liberdade é felicidade!...

* * *

Passou uma semana, mais outra — e na encosta dum morro se via um vasto milharal sêco e apodrecido; e, no meio dêle, o desnudado esqueleto de um choupo...

E o sol da tarde iluminava com os seus raios pálidos essas tristes ruínas...

Livres do jugo do sol...

O GRÃOZINHO DE TRIGO

Era uma manhã de inverno, chuvosa e triste. Espessos nevoeiros arrastavam-se melancòlicamente pelas encostas das montanhas, e no escuro pantanal um bando de rãs coaxava a fastidiosa monotonia de sua dissonante cantilena...

Por um campo vizinho, arado de fresco, passava o lavrador, semeando o seu trigo. Era muito comprido e muito preto, êsse campo, digna ilustração daquele dia tão tristonho.

Voavam os minúsculos grãosinhos para a direita e para a esquerda, caindo nas leiras e no meio dos profundos sulcos do terreno amanhado.

Num dos regos mais fundos veio tombar um grãosinho excepcionalmente belo e tão claro que parecia um pedacinho de ouro; caiu, e ficou entalado entre dois torrões de humus — ai! que torrões tão feios, tão úmidos, tão malcheirosos!...

A pobre sementinha sentiu confranger-se-lhe a alma de mágua e indizível horror. Es-

tava só... sòzinha pela vez primeira em sua vida... sòzinha naquele tétrico abismo... De todos os lados se erguiam temerosas montanhas de terra, enormes, minazes, esmagadoras...

Quis chorar — e não teve lágrimas...

No meio dêsses transes angustiosos passou o desditoso grãozinho a evocar os dias felizes da sua existência; lembrou-se daquelas madrugadas tão cheias de encantos, quando ainda se achava alcandorada no alto da espiga, em companhia de seus irmãosinhos, embalado pelas brisas matutinas, beijado pelos lábios do sol nascente... Ah! como rejubilavam então as aves na moita próxima! como zumbiam tão alegres as abelhas por sôbre as garridas papoulas do campo! como bailavam as fantásticas borboletas, em graciosos ritmos, nos ares carregados de perfumes de jasmins!... E de noite, quando o argênteo clarão da lua acariciava ao de leve as cristas das ricas searas, vinha baixando das alturas celestes um orvalho invisível, que se depositava na loura cabecita do grãozinho de trigo — e então dormitava êle, contente e feliz, nos braços da mamãe, ao lado dos seus maninhos côr de ouro...

Saudades tenho, saudades, dêsses tempos que la vão...

Mais tarde — ai, meu Deus! que dia aziago aquele, naquela tarde de verão!... quando apareceu no meio do campo uma turma de ceifadores e meteram as foices cruéis no formoso trigal. Ouvia-se distintamente o agudo sibilar das lâminas de aço, percebiam-se os gemidos das longas hastes a caírem umas sôbre as outras... Logo atrás dos ceifadores vinham outros, que recolhiam os heróis derribados pelo ferro cruel... Era um campo de batalha juncado de cadáveres...

Mas o nosso grãozinho saíra-se feliz daquela formidável hecatombe.

Mais azarento, porém, mil vezes mais perigoso lhe fôra outro dia — o dia infausto em que o tosco mangual do debulhador viera cair com violência brutal sôbre um feixe de trigo em palha, arrebentando as áureas famílias de espigas e dispersando em tôdas as direções os irmãosinhos, êles, que, desde os seus verdes anos, tinham vivido juntinhos uns dos outros — e lá se foram os coitadinhos, um para o norte, outro para o sul, qual para o léste, qual para o oéste — adeus! adeus para nunca mais!...

Não tardou, todavia, que a doce companhia dos irmãosinhos dispersos viesse a ser compensada, de algum modo, pela convivência com os primos. Sim, eram numerosíssimos os primos e parentes reunidos nas grandes sacas de trigo que se achavam empilhadas no gigantesco armazem — cidades enormes, milhares e milhares de grãosinhos. Era grande o apêrto, é verdade; mas não deixava de ser divertida a companhia de tantos amigos da mesma natureza e de gênio idêntico. Sofria-se, mas sofria-se resignado, no meio de tantos companheiros de sorte.

Mas agora, êste abandono cruel! — suspirava o pequeno solitário — êste melancólico deserto, êste êrmo tão lúgubre que me cerca, que me acabrunha, que me esmaga!... E esta umidez que me afoga, que me tolhe a respiração — ai! ai! eu morro!... meu Deus!... eu morro!...

Com efeito, o desditoso cereal sentia a umidade do solo a roer-lhe lentamente o tecido celular, a delicada película que envolvia o farinhento organismo principiava a entumecer ameaçando arrebentar e deixar penetrar no in-

terior os humores da terra circunvizinha — e que seria então da infeliz criaturinha côr de ouro?!...

Não foi tudo. Para precipitar a catástrofe, eis que desaba forte chuveiro, arrastando consigo boa porção de humus e inundando o grãosinho com uma aluvião de massas lodosas e frias, acabando por enterrá-lo completamente...

Enterrado!... enterrado vivo!... naquela tétrica escuridão!... com aquele pêso enorme sôbre o delicado organismo — ó céus!...

Foi demais. A sementinha desmaiou, perdeu o acôrdo e já não sentiu a umidade a romper-lhe o peito, a penetrar-lhe as entranhas, dissolvendo tôdas as fibras do seu ser; não presenciou êsses horrores, porque o delíquio a livrou dêsse espetáculo...

* * *

Primavera em flor.

Acaba o sol de suspender o coruscante disco sôbre os caprichosos recortes da serrania. Tudo vive, tudo canta, tudo rejubila de entusiasmo.

De entre as leiras escuras do campo, acalentadas pelos raios vivificantes do grande astro, emerge um rebentinho verde, levanta a tenra cabecinha e põe-se a contemplar, pasmada e surpresa, as vastas regiões que se largam em derredor. Quase nada enxerga, porque os fulgores do sol matutino lhe deslumbram a vista infantil.

Vivo?... estarei vivo?... balbucia o recém-nascido, esfregando os olhinhos. Sim, estou vivo, ressurgí da morte. Mas como?... serei eu mesmo?... tão diferente de outrora... já não sou grão de trigo, sou uma plantinha — que mistérios serão êsses?...

E com olhar de inefável gratidão ergue ao sol nascente a sua primeira folhinha, em cuja ponta tremula uma gotinha de orvalho, semelhando uma lágrima de cristal repassada pelos etéreos primores do arco-iris.

De súbito, percebe um como sussuro misterioso a encher os ares. Alonga os olhos pela vastidão do campo, e avista em tôrno de si enorme multidão de plantinhas como ela, que agitam lentamente as verdes folhas, saudando sorridentes a novel companheira — e essas plantinhas são suas irmãs e primas de outrora.

Tôdas elas redivivas, ressuscitadas, depois de mortas...

E tôdas juntas levantam ao céu os verdes lábios, e em côro uníssono entoam ao Criador um hino de gratidão...

* * *

Ainda estava a nossa plantinha a cantar o seu hino de alvorada, quando viu passar pelo campo um grupo de homens. O que vinha à frente, olhou atentamente para o viçoso rebentinho, e disse, com um timbre suave e misterioso:

"Se o grão de trigo não cair em terra e morrer, ficará só; mas, se morrer, produzirá muito fruto"...

E seguiram avante, pensativos...

INDICE

"PORQUE SOFREMOS"

POR

HUBERTO ROHDEN

Huberto Rohden apresenta em PORQUE SOFREMOS um estudo forte e penetrante sôbre a realidade humana, à luz da biologia, da filosofia e do Evangelho. Ensaio profundo e arrojado que elucida e faz bem, principalmente no momento em que vivemos em que o materialismo desenfreado ameaça destruir os mais nobres sentimentos da alma humana, conduzindo o mundo ao caos e à mais dolorosa das angústias. A palavra de Rohden, sempre escorreita e harmoniosa, enche de ressonâncias agradaveis todas as páginas de PORQUE SOFREMOS, livro feito não para ser lido, mas para ser meditado".

Rio, janeiro de 1944. **"Visão Brasileira".**

"E' deveras estupenda a fecundidade literária de Rohden. De 1939 a esta parte, ao que me consta, sairam de sua pena as seguintes obras, admiraveis de pensamento e de estílo: PAULO DE TARSO, PROBLEMAS DO ESPÍRITO, PANORAMA DO CRISTIANISMO, EM ESPÍRITO E VERDADE, AGOSTINHO, MYRIAM, DE ALMA PARA ALMA, e agora este livro profundo e genial: PORQUE SOFREMOS. As veementes impugnações de que foi alvo, ùltimamente, este indefesso cristianizador do Brasil, intensificaram-lhe ainda mais, parece, as energias produtoras e o esplendor das idéias. E' fora de dúvida que as obras mais perfeitas de Rohden são as dos últimos anos. DE ALMA PARA ALMA foi considerada pela imprensa do Rio e de São Paulo como **"a mais genial filosofia de vida que já se escreveu no Brasil".**

Temos agora PORQUE SOFREMOS — livro de candente atualidade, apresentado em algumas centenas de páginas de verdadeiro primor literário e técnico, livro que cai como um presente do céu no meio do sofrimento universal que envolve a humanidade. O que o autor nos diz sôbre a dôr humana, à luz da biologia, da filosofia e do Evangelho, é tão antigo e tão novo, tão sabido e tão ignoto, que o leitor encontra a cada passo a sua própria vida e pessôa. O prisma pelo qual Rohden encara o problema da dôr é sumamente feliz e eleva o sofredor a um plano de grande sossêgo e serenidade interior. PORQUE SOFREMOS é, a meu ver, um dos livros mais necessários ao homem moderno, seja qual for a sua filosofia ou o seu credo, como frisa com acêrto o Rev. Ricardo Liberali, distinto sacerdote e escritor do sul: "E', sem favor algum, um grande livro, que deve ser lido devagar para ser saboreado e aproveitado. Tudo nele tem importância. Tudo é filosofia da vida. Tudo é Evangelho vivido. Oxalá muitos aproveitem este manancial de verdades divinas e humanas!" **P. D. C. (Rio)."**

Volume elegantemente cartonado: Cr. $ 15,00

Pedidos: Caixa postal 831 — Rio de Janeiro